

Antónia Coutinho. *Texto e[m] linguística. Teorias | Cruzamentos | Aplicações. Lisboa. Edições Colibri.*
2019. 180pp.
ISBN 978-989-689-917-2

Isabel Margarida Duarte
iduarte@letras.up.pt
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

Este livro reúne textos de diversas proveniências, explicadas claramente no Preâmbulo, da autoria de Antónia Coutinho. A génese do volume, com as diferentes hipóteses de organização por que passou, é mostrada e a opção final justificada. Sejam textos de cariz mais didático, preparados para apoio a determinadas Unidades Curriculares, sejam outros que decorreram das exigências académicas do percurso da autora e outro ainda resultante de uma comunicação não publicada, a junção faz-se num todo que, como Antónia Coutinho afirma, “poderá ser disperso, mas não é privado de arquitetura” (p. 17). Este conjunto, de facto, encontrou uma unidade estruturante e não apenas do ponto de vista temático, por todas as partes tratarem de texto. Essa unidade decorre também dos rearranjos a que autora sujeitou os textos, das pontes que entre eles estabelece com remissões frequentes, da orientação teórica muito explicitamente assumida: o Interacionismo Sociodiscursivo de que Antónia Coutinho é, em Portugal, a indiscutível embaixadora. A unidade também é conseguida pelo tom geral dos textos, que é didático¹, mas decorre da investigação da autora. O cruzamento destas duas dimensões é uma das mais valias do volume. Ancora-se na pesquisa segura de décadas levada a cabo por Antónia Coutinho, sem abandonar nunca a preocupação didática de quem tem longa experiência como professora e orientadora de

¹ É também didática a preocupação de traduzir todas as citações em língua estrangeira. Por os estudantes não serem hoje suficientemente proficientes em francês para poderem entender as citações, a autora uniformiza-as e tradu-las sempre, embora inclua o original em nota de rodapé. Há apenas a exceção da Terceira parte, sobre “Teoria do texto”, em que as citações não são traduzidas, de forma não muito coerente com o que ocorre no restante livro.

trabalhos académicos e científicos. Daqui decorre, talvez, a preferência pelos quadros² que sistematizam sem simplificar, ou dos esquemas, de que é um bom exemplo a Figura 26, na p. 109, que permitem compreender melhor as relações entre os conceitos.

O Prefácio, escrito em francês, é da autoria do próprio Jean-Paul Bronckart. A propósito da inscrição do domínio do texto naquilo que, na língua, releva do uso do sistema em situação de comunicação, o linguista cita, logo no início do prefácio, Joaquim Fonseca, que a Primeira parte do livro retoma, a propósito de “Uma linguística do funcionamento do sistema”. Bronckart mostra como Antónia Coutinho tem em consideração todas as referências teóricas pertinentes para a área. Com efeito, apesar de se enquadrar explicitamente no ISD, a autora dá conta de um conjunto vasto de outras referências centrais para a área do texto, conseguindo relacioná-las de forma a que se completem, e menos de modo a que conflituem. Não significa isto que não explicita com clareza os termos de diferentes polémicas ou desencontros.

O livro, como a autora sugere, destina-se a estudantes de Ciências da Linguagem, Linguística e áreas afins, mas também a professores de Português dos Ensinos Básicos e Secundário. Com efeito, é um livro claro, que se lê com agrado, mesmo que nem sempre com facilidade, sobretudo nos momentos em que as discussões teóricas são mais técnicas. Mas, como Antónia Coutinho diz, na última parte, “Cruzamentos: Linguística, Literatura e Didática”, texto que resulta de uma comunicação ao 3º Encontro *A Linguística na Formação do Professor*, que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2018, os professores têm sempre de saber mais do que aquilo que ensinam. E, como lembrava também Fernanda Irene Fonseca, várias vezes referida neste livro, mais e a um outro nível de profundidade. Por isso, mesmo que algumas passagens teóricas possam ser mais técnicas e afastadas das preocupações pedagógicas imediatas dos professores de Português, eles terão um óbvio proveito na leitura deste livro, para melhor e mais conscientemente poderem operacionalizar alguns dos conceitos da área do texto, presentes nos vários documentos orientadores do ensino do Português.

Do ponto de vista dos estudantes universitários, este volume permite algumas intervenções didáticas de grande pertinência, porque ancoradas em

² Alguns quadros, como a Figura 21, na p. 95, ou a Figura 28, na p. 154, estão no limite do legível devido ao tamanho dos caracteres.

ensinamentos teóricos de que decorrem. Como Bronckart diz no Prefácio, há uma ligação fecunda entre o quadro teórico e o trabalho didático. Este permite avaliar e validar os avanços teóricos. E as intervenções didáticas conseguem “mettre en évidence des modes de fonctionnement de la langue et des problématiques linguistiques qui échappent souvent au regard des auteurs de travaux proprement théoriques.” (p.13).

O livro está dividido em quatro partes: 1. Introdução; 2. Práticas textuais em contexto académico/científico; 3. Teoria do Texto e 4. Cruzamentos: Linguística, Literatura e Didática.

Na primeira parte, a autora discorre sobre *Texto e discurso*, aproveitando para clarificar os conceitos, traçando-lhes também a história: trata de *Textos e géneros de texto* não só a partir do ISD mas percorrendo ainda o que sobre a questão escreveram outros autores incontornáveis como Jean-Michel Adam, por exemplo. Esta primeira parte encerra-se com um terceiro capítulo *Sobre organizadores textuais*, onde a autora problematiza noções como conectores, organizadores textuais e marcadores discursivos. Não posso deixar de sublinhar, a propósito do que Antónia Coutinho escreve sobre marcadores discursivos, a incomodidade que também partilho quando se fala de gramaticalização, assumindo que na origem de formas discursivas estariam outras, não discursivas, como se as formas gramaticais estivessem antes e fossem, depois, usadas discursivamente (cf. pp. 72-73). A autora demarca-se, a meu ver com razão, da hipótese insustentável segundo a qual haveria “formas gramaticais que não teriam usos discursivos”. (p.73).

Quando falo aqui na preocupação da autora em problematizar, refiro-me não só à já referida capacidade de aprofundar, relacionar e pôr em confronto diversos pontos de vista teóricos, mas também a uma saudável tendência para formular questões abertas, que ponham os outros (leitores, colegas, estudantes) a pensar. Por isso, o segundo capítulo desta primeira parte termina com um ponto (2.5. A concluir: perspectivas de análise) em que se elenca um conjunto vasto de perguntas que “poderão ser úteis no sentido de orientar a análise de textos de diferentes géneros” (p. 55). Momentos como este, em que Antónia Coutinho sugere percursos de aprendizagem e experimentação ao leitor, são extremamente estimulantes e não apenas para os estudantes.

A segunda parte do livro organiza-se em torno de “Práticas textuais em contexto académico/científico” e é composta por cinco tópicos. Esta

parte é de crucial importância para os estudantes universitários e jovens investigadores, que poderão aprimorar as suas práticas textuais a partir de um melhor conhecimento teórico. Deveria ser de leitura obrigatória em Unidades Curriculares de escrita académica, Técnicas de Comunicação Oral e Escrita e outras do mesmo teor. A autora salienta “a dimensão textual de todo o conhecimento” (p. 82), mostrando como o conhecimento explícito sobre texto académico e científico pode contribuir para a produção de conhecimento, no sentido em que ajuda a que essa produção seja textualmente mais eficaz. Ou, como a autora diz, o conhecimento é clarificado “à medida que se organiza textualmente” (p. 84). O mesmo tipo de procedimento (aprender explicitamente para usar melhor) é sugerido bem mais à frente (no ponto 5.2. Paráfrase e citação), relacionado com o plágio: mais eficaz do que discursos moralistas sobre essa prática são os conhecimentos sobre citação, paráfrase, voz autoral, responsabilidade enunciativa, ponto de vista, etc. Eles permitem uma reflexão sobre como construir os próprios textos, que são sempre retomas de outros textos, mas sem que o autor se aproprie, indevidamente, do que não lhe pertence.

Nesta segunda parte, Antónia Coutinho tenta fazer a nem sempre fácil distinção entre atividade académica e atividade científica, notando que as fronteiras por vezes não são nítidas, porque um texto académico pode ser reutilizado para a atividade científica, porque certos textos académicos, como as dissertações, teses e relatórios de mestrado, por exemplo, devem configurar experiências científicas. Antes de um ponto ligeiramente desconcertante em que reúne diferentes recensões críticas, para provar como podem ser textos diferentes entre si (7. Recensão crítica: descubra as diferenças), a autora ocupa-se de questões centrais para a escrita científica e académica. No ponto 6. (Quem fala no texto?), trata das “Instâncias de produção” e das “Responsabilidades enunciativas”, relacionando-as com a teoria polifónica da enunciação anteriormente tratada.

A quarta secção, Teoria do Texto, reproduz parte do relatório de Unidade Curricular homónima, “apresentado no âmbito do concurso para Professora Associada” (p. 137, nota), o que se percebe no tom geral do texto, como aliás decorre da própria teoria largamente defendida ao longo do livro. Assim se explicam as discussões em torno dos diferentes nomes para a disciplina, porque elas se enquadram no tipo de prova académica em causa.

Contrariamente à opção de Jean-Michel Adam, pela designação *Análise Linguística dos Discursos*, sublinhe-se a posição teórica da autora cujo ponto de vista “concebe os discursos como atitudes de locução, ou modos de enunciação, que entram na composição dos textos – entendidos estes como unidades comunicativas globais.” (p. 143).

A Quinta Parte, como já dissemos, retoma uma comunicação³ num Encontro, e procura esclarecer um conjunto de conceitos teóricos presentes, de forma confusa, nos diferentes documentos orientadores do ensino do Português nos Ensinos Básico e Secundário, de modo a que os professores, compreendendo esses conceitos, possam fazer uma leitura crítica daqueles documentos, daí resultando propostas pedagógicas mais claras e que melhor estabeleçam as relações entre literatura, linguística e didática. Maria Antónia Coutinho clarifica, sobretudo, as noções de *género* (de texto) e de *modo* (enunciativo). Clarifica, como já disse, também por meio de esquemas e problematizando, em vez de optar por simplificações que deturpam as teorias e, nesse sentido, não contribuem para a clareza. E esclarece bem, no final do texto⁴, que não pretende que se acrescentem mais conceitos aos programas mas sim que os professores compreendam devidamente aqueles que usam, para que possam fazê-lo com um máximo de proveito para os seus alunos.

Um dos aspetos mais interessantes deste livro, cuja leitura vivamente se recomenda, é a forma livre como a autora nele inclui textos de outros autores, literários ou não, porque são bons exemplos ou testemunhos do que quer explicar. Assim transcreve excertos de Eduardo Prado Coelho, uma recensão de Clara Correia, um célebre excerto da tese de Fernanda Irene Fonseca a propósito do uso da primeira pessoa no discurso científico, ou um parágrafo longo de um romance de Eduarda Dionísio sobre o comentário. Essa liberdade que lhe permite saltar da teoria para a prática, do ISD para a didática, de uns tópicos para os outros é possível porque Antónia Coutinho tem um profundo conhecimento daquilo de que nos fala e por isso é capaz de estabelecer, permanentemente, pontes que tão bem justificam o subtítulo do livro: *Teorias, Cruzamentos, Aplicações*, tudo no plural.

³ Feita com Noémia Jorge.

⁴ As últimas 7 páginas são ocupadas com as Referências bibliográficas.